

O **Éstágio Supervisionado de Licenciatura e as perspectivas no ensino remoto**

*Danielle Grace de Almeida
Daniela Amaral Silva Freitas*

07

Introdução

A Janela de Diálogos 4 – Formação inicial em foco: qual o lugar do estágio no contexto da pandemia? – reuniu aluno estagiário, professora supervisora de estágio e gestora de escola para uma conversa sob diferentes perspectivas sobre a possibilidade de retorno dos estágios supervisionados durante o ensino remoto. Assim, foi possível contar com a participação do discente João Mateus, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, UFRN-Natal, que abriu a nossa sessão de diálogos com as suas reflexões acerca das implicações e riscos de se cumprir os estágios supervisionados em formato remoto. Em seguida, pôde-se ouvir a professora Vanize Medeiros, da Escola Estadual Calpúrnia Caldas de Amorim, Caicó, que relatou as etapas da implementação e organização do ensino remoto em sua escola. Por último, mas não menos importante, passou-se à gestora Roseane Pereira, da Escola Estadual Floreano Cavalcante, Natal, que expôs a situação de fragilidade do trabalho docente nesse período, enfatizando a necessidade de criação de protocolos de acessibilidade às aulas remotas e de formalização dos estágios supervisionados.

“Me senti parte do corpo escolar”: reflexões e relatos do estagiário João Mateus

João Mateus inicia sua fala explicando a necessidade de se tomar consciência da relevância do estágio para a profissionalização do(da) docente. A essa reflexão, ele acrescentou a importância de um esforço conjunto de maturação profissional ocupando o centro das preocupações na formação inicial. O período de estágio seria, então, a oportunidade de lidar com o corpo escolar, conhecer alunos, intera-

gir com professores e funcionários e estabelecer o devido diálogo entre universidade, escola e comunidade. Decerto, como afirma o aluno, o professor não nasce pronto, ele se torna professor na prática e na reflexão sobre as ações que envolvem a sua conjuntura profissional. O estágio supervisionado oferece, portanto, o contexto de desenvolvimento de habilidades e incita o exercício crítico em face de uma amostragem do que o(a) professor(a) poderá vivenciar tão logo formado e desempenhando seu papel em sala de aula. Em suas experiências, o aluno relata o impacto que as diferentes realidades entre o espaço escolar e o universitário lhe causaram, destacando, assim, a importância de se viver a escola como parte do processo de aprendizagem.

Diante dos inúmeros impasses a que escolas, sociedade e cursos de licenciatura em todo Brasil são confrontados pela atual conjuntura pandêmica, é preciso não perder de vista a reflexão sobre o momento. O retorno às aulas no formato presencial apresenta riscos graves, sobretudo para os(as) professores(as), já que, como mostram algumas pesquisas trazidas por João, a taxa de transmissibilidade e de manifestação da doença é significativamente maior entre professores(as) do que entre alunos(as). Por outro lado, o decreto federal, publicado em junho de 2020, permitiu e incentivou o retorno dos estágios por meio do ensino remoto. A incongruência, nesse caso, é os governos estimularem, mesmo não havendo quaisquer iniciativas de preparação dos docentes para enfrentarem esse momento, o retorno das aulas e dos estágios supervisionados.

Diante dessas idiosincrasias que envolvem a educação atual, algumas perguntas

parecem urgentes: De que forma será possível realizar no modo remoto aquilo a que se destina o estágio supervisionado para a formação de futuros professores? Como ficará a troca de confiança e experiência entre alunos e o estagiário no novo formato de aula remota? Será que as relações de aprendizado que antes ocorriam no espaço escolar poderão ser completamente substituídas por interações virtuais? Tais inquietações, que dizem respeito ao sentimento de pertencimento dos espaços de aprendizagem, reverberam, para o estudante, nas experiências vividas em estágios anteriores, dos quais pôde tirar a seguinte conclusão: “Me senti parte do corpo escolar”.

“De uma forma totalmente diferente da que fomos formados”: impressões sobre o ensino remoto a partir de relatos de experiência pela professora Vanize Medeiros.

A professora Vanize Medeiros inicia sua participação explicando as movimentações por parte das escolas e do governo para a implementação das aulas remotas após a suspensão do calendário escolar presencial causado pela pandemia da COVID 19. Em sua escola, cerca de vinte dias depois do decreto de isolamento, houve uma reunião entre professores(as) e gestores(as) para falar sobre as condições e possibilidades do ensino remoto. Apesar da autonomia de decisão das escolas e a não obrigatoriedade da participação dos professores nesse formato de ensino, houve inicialmente a adesão de 80% dos(as) professores(as). O passo seguinte era o de preparação do terreno para iniciar o trabalho e dar condição de acesso aos(às) alunos(as).

O primeiro entrave ocorreu com o uso da plataforma SIGEduc. Muitos alunos(as) tiveram

problemas de acesso devido à falta de familiaridade com o sistema. Além disso, a plataforma teve que ser adaptada para aulas assíncronas e encontros online, mas não atingiu os resultados esperados, levando os(as) professores(as) a adotarem outras plataformas de webconferência, como o Zoom e o Google Meet. Nem assim, as coisas puderam seguir uma rotina regular, pois os(as) alunos(as) não encontravam condições propícias para acompanhar as aulas. Muitos(as), por exemplo, não tinham aparelhos que comportassem o uso dessas plataformas e para terem acesso à internet era preciso se deslocar de suas casas, utilizando redes de vizinhos ou capturando a internet de instituições públicas próximas a sua casa. Todas essas soluções se mostraram não apenas insuficientes, mas também arriscadas, posto que muitas vezes os horários de aula não eram convenientes nem seguros para essas crianças e adolescentes estarem fora de casa. Além de que o fato de serem levados a acompanhar as aulas em espaços inadequados atrapalha o bom andamento dos estudos e o processo de ensino e aprendizagem.

A indefinição do momento desmotivou parte dos(as) alunos(as) e professores(as) que se viram diante da incerteza de terem seus trabalhos validados nesse período. Esses fatores significaram um complicador a mais para a implementação do ensino remoto. Para os(as) docentes, era preciso ter uma adesão de 70% do alunado para que todo o trabalho fosse contabilizado como carga horária pela Secretaria. Além disso, foi-lhes imposta a revisão de todo o conteúdo trabalhado durante o tempo remoto no retorno ao presencial, o que provocou em alguns(mas) a sensação de não serem reconhe-

cidos(as) pelo trabalho realizado. Da mesma forma, para os(as) alunos(as) que participavam das aulas remotas, não havia garantias de avanço oficial de seus estudos, já que o processo avaliativo também estava suspenso e que no retorno das aulas presenciais eles(elas) deveriam passar pelos mesmos conteúdos estudados no remoto. Por isso, alguns(mas) estudantes, mesmo com condições tecnológicas favoráveis, decidiram não participar das aulas, deixando para retomar os estudos ao fim do isolamento social e reabertura das escolas.

Para Vanize, todas as situações de não engajamento por parte dos(as) alunos(as) desestimulam também o(a) professor(a), que, mesmo não tendo recebido do governo o apoio necessário, está trabalhando três vezes mais para preparar materiais estimulantes, utilizar recursos pedagógicos digitais e interagir através da tecnologia da melhor forma possível. Diante da ameaça de exclusão digital, muitos docentes adotaram meios mais acessíveis aos alunos como o uso de WhatsApp para comunicação e envio de material, a produção de videoaulas disponibilizadas de modo assíncrono e a adoção de vídeos do YouTube como forma de instigar o processo de pesquisa e aprendizagem. No entanto, mesmo com todas as tentativas de contorno das dificuldades e todas as superações, Vanize admite que o momento é desafiador para todos(as) os(as) professores(as) da rede pública de ensino. Sendo assim, não se deve esquecer o caráter eminentemente inesperado dessa fase, já que, como ressalta Vanize, todos foram tomados de assalto e tiveram que lecionar “de uma forma totalmente diferente da que fomos formados e da que estamos habituados”. No que se refere aos estágios supervisionados, ela vê uma

grande oportunidade para que alunos(as) estagiários(as) e professores(as) supervisores(as) se reinventem nesse processo de transmissão de experiências. Para os licenciandos(as), é um momento enriquecedor que provocará inúmeras vivências proveitosas para sua formação. Para o(a) professor(a) da escola, uma oportunidade de trocar habilidades e pensar junto formas de colocar em cena novas perspectivas participativas, permitindo que o(a) estagiário(a) grave aulas, alimente o sistema com exercícios e planeje as aulas junto ao(à) professor(a) da turma de modo totalmente virtual.

“A Secretaria tem que buscar formas de a educação remota ser mais acessível”: reflexões sobre o futuro da educação e do estágio pela gestora Roseane Pereira

Em sua fala inicial, a diretora Roseane Pereira lembrou os inúmeros percalços pelos quais a educação está passando nessa transição entre ensino presencial e remoto. Se no princípio do isolamento, a escola se dispôs a desenvolver atividades pedagógicas se servindo do WhatsApp, o decreto de maio do governo, que instaurou a possibilidade do ensino remoto, confrontou a todos com as dificuldades do uso exclusivo do sistema SIGEduc. Procurou-se primeiramente informar todos(as) os(as) alunos(as) da importância de ter acesso ao sistema com dados e senhas atualizados, a fim de viabilizar a utilização da plataforma. Isso não foi simples e até o momento da comunicação, Roseana relata ainda receber mensagens de alunos(as) e pais pedindo ajuda com senhas e acessos. Tendo em vista um contexto especialmente desfavorável, ela ressalta o grande esforço por parte dos(as) professores(as) que, reunindo recursos próprios

– computador, celular e rede de internet – vem se empenhando para que o ensino remoto seja, apesar de tudo, uma realidade.

Lembra ainda que não se pode ignorar o fato de que muitos professores(as) estão atravessando problemas emocionais. O medo de ser infectado, as incertezas em relação ao futuro profissional, a preocupação em proteger familiares e o luto pelas perdas de entes queridos provocam duros abalos para o cotidiano do(a) docente. Adiciona-se a isso o fato de muitos(as) professores(as) terem que lidar com os contratempos causados pela exclusão digital, desânimo e tristeza que atingem seus(-suas) alunos(as). Conhecemos as dificuldades dos(as) estudantes em terem um espaço adequado para os estudos em suas casas, sabemos igualmente como as mudanças bruscas e sem horizonte de revés têm fragilizado psicologicamente crianças e adolescentes.

Por fim, Roseane reitera que a “Secretaria tem que criar formas de a educação remota ser mais acessível”, tanto no que concerne ao acesso digital para os(as) alunos(as) do ensino básico, quanto ao processo de formalização dos estágios supervisionados. É preciso ter em mente, portanto, que para que os estágios ocorram, as Secretarias de Educação devem estar em contato com a universidade e prever formas de legalizar os estágios durante a pandemia. Deve-se estabelecer, ainda, um protocolo de como as escolas podem receber os(as) estagiários(as) para que seu trabalho, junto ao(à) professor(a) supervisor(a), seja validado por meio de todos os trâmites legais necessários.